Brasília, cultura

29 AGO 1994

Toda vez que leio um texto que gostaria de ter escrito, me dá uma estranha sensação de ter sido roubado. Gostaria muito de ter escrito isso:

1. — “Brasília, projetada desde os primórdios da Pátria pelos melhores filhos, os de espírito mais penetrante o que por isso pareciam videntes e profetas, surgiu para dar consistência a um país geograficamente frouxo, descosturado, incompleto, fragmentado, e também para vencer a alienação colonialista. Foi construída para impor a interiorização e a dinamização do interior. Brasília teve por missão dar ao Brasil os seus remates, as suas feições definitivas, o seu acabamento. Ainda hoje o Brasil é uma nação inacabada, como a sinfonia de Shubert. Deixamos de fazer o que os americanos fizeram com absoluto sucesso: assumir a posse total do território. Ao contrário, o Brasil, passada a febre do bandeirismo, com raras e fulgurantes exceções, como a marcha épica do café em terras de São Paulo e Paraná, acocorou-se junto ao litoral, aguardando notícias da Europa, depois substituída pelos Estados Unidos”.

2. — “Nossas migrações marcham na direção contrária ao progresso e até ao bom senso. Em vez de nosso caboclo se arraigar na terra ou em terras novas, vem para as metrópoles mendigar ou, o que é pior, engrossar as hostes do banditismo”.

3. — “Há poucas semanas, o sr. Roberto Campos atacava Brasília em longo artigo, em que se mis-

turavam falhas de raciocínio e anacronismo. Evidentemente, as cidades não têm culpa da qualidade de senadores e deputados que, de maneira superficial e efêmera, frequentam as assembléias que nelas se localizam. Há anos venho defendendo não Brasília, que não precisa de defesa, mas a idéia muito antiga e atual da marcha para o Oeste, que há muito devia estar concluída, tal como aconteceu nos Estados Unidos no século passado”.

Um jornal

Isso aí é um pedaço de um belo texto de Cassiano Nunes, intelectual denso, vivido na alma de sua Pátria (“Em defesa de Brasília”). Está no primeiro número do jornal “Cultura de Fato”, uma publicação da Secretaria de Cultura de Brasília, que será lançado amanhã, às 18h00, no Teatro Nacional.

Coordenado por Antonio Clementin, editado por Helio Santiago, editoria de texto de Ana Luiza Montalvão, secretária-executiva de Regina Figueiredo, marketing de Claudio Pereira e colaboração de Cassiano Nunes, B. de Paiva, Alan Viggiano, TT Catalão e Karime Saliba, “Cultura DF” mostra o que vem fazendo e, sobretudo, como vem pensando a cultura de Brasília a Secretaria de Cultura sob o comando competente do secretário Cesar Baiocchi, da diretora-executiva da Fundação Cultural Maria Luiza Dornas e do coordenador de intercâmbio cultural Lucio Moraes Barreto.

Lembra bem o secretário

Baiocchi: — “Brasília possui um potencial cultural ainda subutilizado, apesar de dispor de um fértil campo para a implantação de indústrias culturais. Na área da literatura, por exemplo, onde houve maior investimento, se destaca em premiações de concurso literários e também em edições de títulos. A música, as artes cênicas e as artes plásticas de Brasília adquiriram prestígio no cenário nacional, com algumas incursões em nível internacional. A indústria cultural surge como um dos meios de ampliação do mercado de trabalho, principalmente no campo do turismo cultural. Sabe-se que a cultura exerce um papel preponderante na construção da cidadania, pois proporciona a possibilidade de desenvolvimento pessoal. E a liberdade só é adquirida através da sabedoria”.

Cidades-satélites

Além de destacar o trabalho da Orquestra Sinfônica de Brasília, do Espaço Cultural 508 Sul, da Orquestra de Câmara Infante-Juvenil, da Rede de Bibliotecas Públicas, do ensino e cultura nos CICs, do Museu Vivo da Memória Candanga, do Pólo de Cinema e Vídeo, dos museus, do Arquivo Público, e os mais importantes eventos culturais de Brasília, como o Festival de Cinema, a I Feira Internacional de Cultura (que vai acontecer de 28 de outubro a 6 de novembro), a excelente programação do Teatro Nacional Cláudio Santoro (começando com Chico Buarque agora em setembro), o jornal “Cultura De Fa-

to” mostra que foi o “I Encontro de Diretores Regionais de Cultura”, para consolidação de um sistema integrado que inclui os Conselhos de Cultura do DF, o Pólo de Cinema e Vídeo, a Fundação Cultural do DF, o Fundo de Apoio à Arte e à Cultura e as Divisões Regionais de Cultura.

Em cada cidade-satélite, há uma programação de atividades culturais atendendo às peculiaridades locais. É um trabalho pioneiro, que vem dando resultados rápidos e surpreendentes. Novos talentos descobertos e estimulados, como Francisco Galeno, de Brazlândia; José Eudes, de Ceilândia; Daniel Pedro, do Guará; Jorge Eschriqui e Shinoda, do Núcleo Bandeirante; Janio Cunha, de Samambaia; Armildes Correa, de Taguatinga.

TT Catalão

Um texto brilhante, incitante (palavrinha besta, muito na moda) sobre “a patologia ou a lavagem cerebral ideológica”, do sempre lúcido TT Catalão (“A Sociedade Civil é Mais Forte que a Insanidade Covil”) dá a alta medida mental do jornal: — “O poder é curto. A arte segue seu curso. Do poder desejamos recursos para a arte sair do discurso. Querer o Poder para poder fazer deveria ser a diretriz básica. Sem pudor... E aí a gente vê na carne quem é de papo e quem pega no pesado, mesmo. Vê-se até o mau caratismo de quem nada faz e tudo tenta para distorcer a leitura do que está sendo feito”.